

MARCIA KUPSTAS

Ilustrações: Fê



AVENTURAS DE GAROTO



*Aos meus filhos, Igor e Carla, que
permanentemente alimentam e
reabastecem a criança que eu sou!*

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora





GUARDA-CHUVA!

A maldita chuva começou a cair logo no fim da aula.
— E não se esqueçam de fazer a lição de quinta-feira.
Dona Glória soltou o giz e limpou a mão no avental.
Era quase um código: quando ela fazia isso, não ia mais dar matéria. No mesmo instante, trinta e cinco alunos começaram a recolher coisas, fechar cadernos e bater papo. A professora falava para as paredes.

E para Ricardo, o olho pregado na chuvona lá de fora. Justo na hora da saída. Quando batesse o sinal, todo o mundo ia pegar o material pendurado nos cabides e todo o mundo ia saber que aquele guarda-chuva era o seu, aquele imbecil guarda-chuva cor-de-rosa com flores amarelas e de menina.

De manhã, até que Ricardo tivera sorte. Nenhum vexame. Chegara mesmo a se esquecer do guarda-chuva durante a aula, a se esquecer da briga com a mãe, logo cedo.

— Não vou levar essa porcaria.

— Claro que vai. Já está resfriado, quer o quê? Vai, sim.

— Isso é guarda-chuva de mulher.

— Que de mulher! Importante é que não se molhe.

Pegue aqui, e pronto!

A mãe de Ricardo estendeu o guarda-chuva como se fosse uma lança, apontada pra sua cabeça.

— É de mulher, é de mulher!

— Mas o seu quebrou. E só tem esse.



- Eu levo a capa.
- A capa não serve mais.
- Então não levo nada.
- Leva ou apanha.

Argumento definitivo. Ricardo agarrou o guarda-chuva pelo cabo e saiu, suspirando. Andou dez passos com ele aberto, fechou-o e enfiou na pasta. Só o cabo ficava de fora, e cabo a gente disfarça. Por sorte, de manhã havia apenas um chuvisco, e não aquela tempestade que caía sempre ao meio-dia, como naquele momento.

Na classe, como chegou cedo, pendurou logo o danado num dos cabides, e ninguém reparou. Ninguém, vírgula: Ricardo conseguia perceber o rosa choque e as florzinhas se destacando em meio a capas e pastas, como um vaso de flores numa mesa.





— Ninguém sai antes de arrumar as carteiras! Vamos lá.

Dona Glória batendo palmas, o barulho — vrrrrrum, vrrrrrum — de pernas de carteira esfregadas no chão. “Sem arrastar”, ela gritava. Mas que, sem arrastar! E a pressa de sair da classe?

Menos Ricardo, porque, se ele ficasse por último, poderia escapar sem que ninguém percebesse. Pegaria o guarda-chuva depressa, correria pelas calçadas, abriria o guarda-chuva só na rua de baixo. Era essa a sua chance.

— Carlos! Vi você bater na Cíntia. De castigo, vem apagar a lousa.

Carlos, o superinimigo. O maior gozador da turma. Ia demorar mais e ver Ricardo pegando aquele guarda-chuva. Dois minutos. Uns e outros se levantando, buscando coisas nos cabides. Carlos fazia tanta poeira para apagar logo a lousa que as costas de dona Glória se enchiam do pó branco do giz.

Um minuto. Ricardo fechou a mala. E se fizesse uma pergunta pra professora? Mas dona Glória acabou se levantando antes que ele inventasse uma pergunta.

— Alguém esqueceu um guarda-chuva. De quem é? Silêncio. Parecia de propósito. Todo o mundo conversava, mas foi ela perguntar, e veio o silêncio. Um olhando para o outro.

— De quem é o guarda-chuva cor-de-rosa? — ela perguntou mais alto.

Aí já era tarde demais. Até o Carlos ficou encarando.

